

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fôra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e communicados . . . 50 » »
Repetições 25 » »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

METHODO PARA A AVALIAÇÃO PREDIAL

Ao sr. ministro da Fazenda

N'um paiz como o nosso, onde não ha um cadastro, e nenhum paiz o tem perfeito (nem mesmo é possível sem uma revisão constante) onde não se applica nenhum processo regular á avaliação das terras, a forma d'imposição tanto para fixar a somma geral com que deve contribuir toda a propriedade, como cada uma das suas divisões, não pode deixar de ser arbitraria e designalissima de districto para districto, de concelho para concelho, de freguezia para freguezia, e até de contribuinte para contribuinte.

E' sabido que entre nós a pequena propriedade paga muito mais do que deve, a media não paga ainda o que deve, e a grande muito menos do que deve e póde.

Assim nem a parte que compete aos proprietarios nos encargos publicos póde ser computada com algum rigor em relação ás outras classes.

N'uma sessão da Real Associação da Agricultura em 1870 propuz um methodo de avaliação, que consiste no seguinte:

- 1.º Em se dividir o paiz em zonas distinctas pelos caracteres phisicos mais geraes—
- 2.º em se apreciar a natureza do solo, e do sub-solo, e o genero de cultura para que são proprios—
- 3.º se é regado, ou susceptivel de irrigação, e de duas culturas annualmente.
- 4.º se está proximo dos mercados
- 5.º a exposição, se abrigado, ou exposto aos ventos mais nocivos.

6.º a quantidade de adubos de que precisa, e o seu valor—o trabalho.

7.º o preço dos generos na localidade tomando-se a media dos ultimos quinze ou dez annos.

8.º em se medir a extensão, e cada porção que variar sensivelmente na natureza do terreno.

9.º A cada uma das condições favoraveis ou desfavoraveis assignar um valor determinado, as primeiras para serem sommadas, as segundas para serem diminuidas.

Haveria assim uma norma geral, a que estariam sujeitos todos os avaliadores, d'onde resultaria uma egualdade aproximada dos contribuintes perante o imposto.

Disse-me depois o 1.º secretario da Associação Real d'Agricultura, o sr. Araujo, que ao ouvir-me annunciar um projecto sobre o assumpto, de que se trata, julgara que eu ia expor mais um incapaz de satisfazer ao seu fim, e eu notei-lhe um sorriso a que attribui o mesmo sentido; mas apenas lembrei a escala acima referida, o vi prestar-me toda a attenção, por onde reconhecij que tinha obtido o seu assentimento, o qual depois me certificou.

O sr. Pinto Coelho requereu que o meu projecto se juntasse á representação, que ia ser dirigida á Presidência do Conselho—o que se approvou.

Ahi o proponho outra vez e verei se o sr. ministro da fazenda ordena que se adopte.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

talhado n'estes meus artigos, a que ainda faltam pormenores e como o contestou?

O roubo do *Firmamento* pela *sugestão psychologica*, e o do *Noivado* pela *imaginação authenticidade* do n.º 4 da Edição dos *Bardos* feita em 1854.

Não se esqueça, que o citou como se tivesse diante dos olhos o n.º 4 dos que foram distribuidos durante o anno de 1852 e não era verdade.

E falso era tambem, que ahi tivesse visto o *Noivado*. Não viu—protesto novamente—

Tenho procurado e continuarei procurando, os *Bardos* de 52. Já annunciei no *Jornal de Noticias* do Porto que se algum os possuise e quizesse ao menos exhibil-os, se dignasse enval-os á Livraria dos Snrs. Magalhães e Moniz, Porto, Largo dos Loyos, 14.

Appareceu uma colleção de *Bardos*, em forma de livro e com *Indice*, no qual se acha o *Noivado*, mas falta esse n.º 4 de que se trata—Ora como o volume tem um *Indice*, que só foi impresso quando se fez a Edição de 1854, e *abrange este anno*, claro está que é um exemplar da mesma Edição e nada prova que o n.º 4, que falta seja dos *genuinos distribuidos* em 1852—só um d'esses é que decide.

Antes de 1854 Silva Ferraz, Miguel Teixeira Pinto, Alexandre Braga, e o Sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, que me ouve, não souberam (nem podiam saber) do *Noivado*.

Aqui empraso outra vez o Sr. Theophilo a que apresente um n.º 4.º de 1852, *que seja authentic*, e ficará patente a sua calumnia inepta ou acintosa.

Saem uns jornaes de qualquer typographia em 1854, e só pela simples inspecção, sem provas, ou signaes rigorosos, podem reputar-se, *sem alteração alguma*, os mesmos que foram *publicados e distribuidos* em 1852?

E' uma ineptia sem duvida?

Emquanto á *sugestão psychologica*, ácerca do *Firmamento*, entrego-a, para se rirem, aos criticos de são juizo.

Percebo-lhe a intenção de me não reconhecer como o primeiro entre nós que encetou a poesia da sciencia com algum merito, segundo se diz, naturalmente para só attribuir essa iniciativa *aquelles grotescos e detestaveis versos em que representa uma luta entre o Cahos e o Cosmos*, tão grotescos e detestaveis, que o fariam suspeitar de demencia. Nós já aqui os reproduzimos. (Miragens seculares pag.)

Sabendo, que a Edição dos *Bardos* em volume foi feita em 1854, exactamente no mesmo anno em que eu accuso o glorioso plagiario de trazer de Coimbra a copia do *Noivado*, nem sequer viu a possibilidade da fraude do Sr. Passos...

Sem saber dos *Bardos* não affirmei, que veio de Coimbra com a copia do *Noivado*, em Fevereiro ou no começo de Março de 1854, e não foi mezes depois que se tratou da Edição em volume? Em nada do que affirmo me contradigo.

E o grande Mestre não quiz attender nem a testemunhos, nem

a argumentos, *aos quaes se não responde*, apesar de se ter declarado em 1871 convicto da minha reclamação, e offerecer-me a incluí-la na sua *Historia litteraria*. —E depois de umas atencões pelas quaes eu o podia suppor meu affeioado, sem aviso algum, sem averiguações precisas, estando em tempo de fazel-as, lança sobre o meu nome a terrivel calumnia—*d'estar provada a falsidade da minha imputação a Soares de Passos!*

Nunca o Sr. Theophilo saberá bem avaliar ou sentir quanto é infame o insulto que me dirige.

E repetil-o ainda duas vezes no *Seculo* acto é só proprio de quem não tendo dignidade a não estima nem a presume nos outros.

Depois do grande Mestre, em 1883, a proposito d'uma nota ao *Lago* de Lamartine, em que advirto poder a sciencia dar mais substancia á poesia, e me referi a alguns ensaios meus n'este sentido, veio na *Actualidade* «jornal a que eu dei o nome» um artigo pretencioso e grosseiro, mofando da minha nota e negando-me o *Firmamento*. Vendo que o auctor nada conhecia do assumpto e muito menos o reclamante, apesar do proprietario e director Anselmo de Moraes, que me disse não haver o auctorisado, nem lido, me offerecer o seu jornal para a replica por mais extensa que fosse, não respondi.

Em compensação quando publiquei a historia do plagio, e uma longa *analyse do Firmamento no Districto d'Aveiro*, recebi cartas de alguns homens de letras, não tão laboriosos e compiladores como o Sr. Theophilo, mas de melhor senso, e que me afirmavam estarem convencidos da verdade das minhas afirmações entre estes, Snrs. Carlos Faria Barão do Cadore), Manoel Rodrigues Vieira professor no Lyceu d'Aveiro, que se dignou publicar dois extensos artigos a esse respeito Dr. Domingos Pepolim, que me avisou da calumnia do Sr. Theophilo nas *Modernas Ideias*, o engenheiro, um dos inspectores geraes d'obras publicas, Francisco Maria de Souza Brandão, o juiz aposentado Antonio Augusto Pereira Lessa, Antonio de Serpa Pimentel, que me disse *«ter estado sempre persuadido de que o Firmamento era d'uma inspiração alheia»* e ultimamente o Sr. Alberto de Castro Osorio, poeta e juiz em Timor, que escreve nas notas das *Flores de Coral*—*«acabei essa ode á luta que eu desejara digna do para mim verdadeiro auctor da admiravel ode. o Firmamento, a mais bella em l'nyua portugueza, e que só a mudez de um tumulo permitiu attribuir a um pobre eligiaco exangue, Soares de Passos»*

E eu espero que todos os criticos sinceros assim o reconheçam.

Porem falhou-me, pela morte inesperada de Silva Ferraz, o mais decisivo testemunho.

Odeio as polemicas—raro são cortezes—quiz evital-os—mas hoje não me importam que sejam ou não attentiosas—e continuarei as minhas informações.

Sendo a biografia do glorioso poeta escripta em 1875 por Xavier Cordeiro, vejo, que já em Setem-

bro 1854, e n'um dos saraus poeticos inaugurados por Castilho, ousou recitar o *Firmamento*, o que alli não é bem claro.

Se assim foi, que desplante o seu! Se eu apparecesse no Porto por esse tempo e já o *Noivado* e os *Anhelos* estavam publicados na *Edição dos Bardos* como podia suppor, que eu não denunciasses a sua fraude, como não temeu o escarneo da sua cidade Natal e de todo paiz?

Podia crer que o bom, modesto e digno Silva Ferraz, não confirmasse o seu abuso de confiança?

Foi feliz, morreu antes que eu o soubesse.

Não deixarei sem reparos a informação dada a Xavier Cordeiro pelo sr. Eduardo Falcão—Este distincto engenheiro nas conversas com o poeta observou que elle tinha uma vigorosa imaginação, pensava profundamente as questões, possuido acima de tudo, d'uma triste, *calada*, e insaziavel aspiração a quanto dizia respeito aos grandes problemas do homem e da humanidade.

Anda aqui muita illusão ou muita ingenuidade. O sr. Falcão, que não suspeitou do sr. Passos, quando este o illudio sobre o *Firmamento*, dando-se como seu auctor depois da leitura do *Systema do Mundo* que leu e de certo não entendeu, e a um homem de sciencia nada era mais facil do que ver como muitas estancias eram oppostas ás affirmativas de Laplace, e ás ideias então correntes em geologia, e portanto o embuste do verzejador, e não se surpreendeu, nem perguntou a razão porque alterava a doutrina d'aquelle livro, nem como applicara o principio da conversão das forças descoberta depois da morte do auctor a factos ainda nem se quer supostos, como a queda dos planetas nos astros—centros, não admira, que tomasse como prova dos altos ideaes, que attribuiu ao plagiario, as poesias que não eram suas, e cujos assumptos nunca passaram pela sua mente.

Os seus versos genuinos desmentem o juizo illusorio do sr. Falcão.—Havemos de analysar uma a uma as poesias do Sr. Passos, e tornar-se-ha palpavel o que estou dizendo.

Onde é que estão a sua elevação e profundidade?

Onde essa aspiração *calada*, *insaziavel* concernente aos grandes problemas da humanidade?

Calada seria, porque a não reveu, mas não duvido, que aos 34 annos ainda não lhe chegasse a hora do genio; ás vezes vem mais tarde.

N'este momento abro ao acaso o seu livro e deparo com isto que se segue:

Um echo do captivo (A)

Não presentem aqui os leitores á *cala la aspração insaziavel* de que falla o Sr. Falcão?

Não presentem?

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Outras cartas ao sr. Theophilo Braga

SOBRE O

“Firmamento,, e o “Noivado do Sepulchro,,

XX

Não respeito a memoria do sr. Passos, que para mim não é respeitavel, nem merece que outros a respeitem e tambem me sobram razões para não calar o meu se-

vero mas justo conceito sobre o

grande mestre, Theophilo Braga.

Foi o sabio occidental que me

contestou o imprudentissimo abuso de confiança extensamente de-

Os Oraculos

III.

Eram assim pouco mais ou menos os oraculos, começando no Jupiter Ammon e acabando no de Trophonius.

Não acabariamos de citar tudo que de interessante contem o livro de Van-Dale. Fontenelle não o traduziu, mas transcreveu o que mais relação tinha com o seu paiz, que prefere os encantos á sciencia. Foi lido por toda a boa sociedade, Van-Dale que escreveu em latim e grego só foi lido pelos sabios. O diamante do medico Hollandez só foi admirado quando Fontenelle o aperfeiçãoou, e teve tão grande successo que os proprios fanaticos ficaram abalados.

Um jesuita chamado Baltus, natural de Paris, um d'estes sabios que apprehenderam a consultar os alfarrabios, e a cital-os fóra de proposito, advogou a causa do diabo contra Van-Dale e Fontenelle. Belzebuth não podia ter escolhido melhor defensor, inda que massudo: o seu nome ficou conhecido por ter refutado dois homens celebres, que tinham razão.

Os jansenistas, pelo seu lado, mais energumenos que os jesuitas, levantaram a sua voz mais alto ainda; até que os fanaticos se persuadiram de que a religião christã estava perdida, se tirassem ao demonio os seus direitos, e, de facto, cada vez mais lh-os vão negando.

Algumas historias surprehendedentes d'oraculos, que pelo seu maravilhoso, só aos genios podiam ser attribuidas, foram a origem dos christãos as imputarem a espiritos diabolicos, mas que este poder tinha cessado com a vinda de Jesus Christo.

Eusebio accumulou por sua vez excellentes razões para provar que os oraculos eram imposturas; e, se as lança á conta do demonio, é por causa d'um prejuizo pio, e por querer respeitar a opinião commum.

Os pagãos convinham em que os seus oraculos eram artificios dos sacerdotes; todavia, a sua convicção não era das mais arreigadas, pois concediam ao diabo o que de sobrenatural julgavam ver nos oraculos.

Tempo houve em que todas estas artimanhas foram descobertas em todos os seus detalhes: foi quando a religião christã triumphou do paganismo.

Theodoro, diz que Theophilo, bispo d'Alexandria, mostrou aos habitantes d'esta cidade, estatuas ócas, onde os padres se metiam occultamente, para proferirem os oraculos.

Quando por ordem de Constantino foi desmorrado o templo de Esculapio em Eges na Cilicia, deram, diz Eusebio na vida d'este imperador, não com um Deus, não com o diabo, mas com a fraude que tanto tempo se impoz á credulidade dos povos.

Houve oraculos nos quatro primeiros seculos da era christã e só emmudeceram de vez quando o paganismo foi completamente destruido.

Ainda existem alguns oraculos quando Juliano foi imperador, e restabeleceu alguns que estavam arruinados, querendo ser propheta de Didymo. Joviano, seu successor cuidava zelosamente de destruir o paganismo, mas, em sete mezes de reinado, não pôde fazer grandes progressos. Theodosio, para conseguil-o, mandou fechar todos os templos pagãos. E por ultimo, o exercicio d'esta religião foi prohibido sob pena de morte, por uma constituição de imperadores, Valentiniano, e Marciano, no anno 451 da era vulgar, e o paganismo envolveu necessariamente os oraculos na sua ruina.

Este final não surprehende; era a consequencia natural do estabelecimento d'um novo culto.

O desejo tão vivo e tão inutil de conhecer o futuro, foi o que deu nascimento aos oraculos; e a mpo stura acreditou-os, e o fana-

tismo pôz-he sello: porque um meio de fazer fanaticos infallivel, é persuadir em vez de instruir.

A pobreza dos povos que já nada tinham que dar, a impostura descoberta em muitos oraculos, e concluida para os outros; os editos dos imperadores christãos, éssas são as verdadeiras causas do estabelecimento e do fim d'este generos de lógras: circunstancias oppostas o fizeram desaparecer; assim os oraculos foram submettidos á vicissitude das cousas humanas.

C. M.

Um echo do captiveiro

Que tristeza quando penso
Nos povos em servidão!
Nos povos, gigante immenso
Rugindo humilde no chão!
Ao pensar assim commigo,
Quantas vezes eu maldigo
Essa campa de jazigo
Que pesa sobre as nações!
Quantas vezes as deploro,
Quantas estremeço e choro,
Ouvindo o ranger sonoro
De seus pesados grilhões!

Ouvindo tão tristes queixas
Retumbando por esse ar,
Tantas sentidas endechas
Sobre a terra a respirar;
Ouvindo-te, humanidade,
Esse gemer de saudade,
Que soltas na immensidade
Sem que te escute ninguém;
Ouvindo-te, ó malfadada,
De teus filhos rodeada,
Suspirar abandonada
Como suspira uma mãe!...

É triste a scena que vejo,
É triste, mas eil-a ahi...
Áquem sophismas, sem pejo,
Ferreas algemas alli;
D'um lado povos trahidos,
Pelos seus escarnecidos,
Soltam queixas e gemidos
Que ninguém quer acolher;
D'outros povos humilhados,
Sob um jugo avassalados,
Por um peso recalçados
Quasi nem ousam gemer...

Pobre raça d'herdada
Que ahi suspiras em vão,
Quando has-de ter entrada
Na terra da promissão?
Quando has-de resgatar-te?
Quando é que em toda a parte
Ha-de o mundo contemplar-te
Semelhante a um homem só?
Quando raiará o dia
De cessar tua agonia?
Quando terás alegria
Erguendo a fronte do pó?

Has-de tel-a, que o desterro,
Eia, ó triste, acabará,
Que esse jugo vil de ferro
Em pedaços cairá!
Esgota o calix inteiro
De teu duro captiveiro;
Porém do sólo estrangeiro
Fita ao longe a redempção!...
Esta crença, força e vida
Nos corações mal contida,
Póde acaso ser retida?
Acaso póde?... póde?—Não!

Debalde tentam detel-a
Porque a corrente caudal
Hão-de magestosa vel-a
Transpor o dique a final...
Tudo no mundo descança,
Nada progredindo avança,
Tudo ávante se abalança
N'um eterno caminhar...
Fitai o sol, as estrellas;
Vêde se podeis sustel-as,
Se podeis, loucos, fazel-as
Ao vosso aceno parar...

Quem me dera a mim agora
Ter do fogo lá do céu,
D'aquelle fogo que outr'ora
Trouxe á terra Prometheu!
Oh! que se eu podera tel-o,
Eu havia de vertel-o
N'essa montanha de gelo
Que inda dos seios não cae...
Sobre a raça amortecida
Dos homens soprara a vida,
E com voz, do mundo ouvida,
Lhes bradaria:—Accordai!—

ESPERANÇA

Povo! que fazes? desmaias
Sob o peso de soffrer?
Oh! n'esse abysmo não caias
Senão vê—tens de morrer:
O teu collo não se dobre,
Levanta essa alma que é nobre,
Tens, ó povo, um coração!
Ergue a fronte triumphante,
Ergue-a qual cedro gigante,
Não a rojes pelo chão!

Os teus irmãos succumbiram?
Ao longe os viste expirar?
Não importa,—elles sorriram
De assim a vida exalar.
Era pela humanidade,
Era pela liberdade:
Que lhes custava morrer?
Do céu te brandam: «esp'rança,
Irmãos, irmãos a bonança
Ha-de um dia alvorecer!»

Povo! olha ainda espumante
O sangue d'esses heroes;
Olha as ruinas fumantes
Como sinistros pharões;
Contempla todo esse estrago,
Olha de prantos um lago,
Olha um pae orphão além,
Um amante aqui chorando,
Acolá um filho orando
Na campa de sua mãe!

Mil cadafalsos aos ares,
Repara, não vês erguêr?
São teus irmãos que aos milhares,
Ai de ti! lá vão morrer!
Tu aos cruezis perdoavas,
A vida tu lhe offertavas,
Que não tinhas mais que dar,
Elles querem tua morte...
Dá-lh'a, povo, não te importe,
Que o teu sangue ha-de medrar.

Mas chora teus irmãos, chora;
Quem é o pranto retem?
Chora, sim, que escrava outr'ora
Já chorou Jerusalem:
Chora, sim, como chorava
O povo que suspirava
Pela misera Sião,
Ou como na soledade
Suspirava de saudade
A corrente do Cedron.

Chora, mas em'stragos tantos
Não apagues teu ardor;
Esgotaste sangue e prantos,
Não esgotes teu valor:
Recupera alento novo,
O lume da esp'rança, ó povo,
Não o deixes expirar;
Guarda-o vivo na tormenta,
Como a vestal que alimenta
O sacro fogo no altar!

Vossa aurora bonançosa,
Povos da terra, esperai!
Vós a vereis magestosa
Como os fogos do Sinai;
Vós a vereis radiante,
Vós a vereis triumphante,
Qual no Golgotha brilhou,
Quando a toda a humanidade
Uma voz—fraternidade,
Lá d;uma cruz resoou.

Um dia essa voz que encerra
O resgate universal,
Retumbará pela terra
Como a trombeta final...
Ha-de vêr-se o tenro infante
Sorrir á mãe n'esse instante,
E ella unindo o ao coração
Que ha-de dizer com ternura,
«Filho, has-de gozar ventura,
Que chegou a redempção!»

Povos, povos, esse dia
Será um dia sem par;
A campa que vos cobria
Se ha-de então despedaçar;
As nações hão-de enlaçar-se;
Os homens hão-de sentar-se
Ao banquete fraternal,
E o céu olhando o mundo
Ha-de em silencio profundo
Vêr o abraço universal.

Soares de Passos

Uma historia

Quando eu era pequeno, sentava-me á lareira e ahi meu avô contava-me as historias da sua meninice que remontavam ao seculo 17. Eu hoje, evoco a memoria d'esses felizes tempos que me corriam descuidados pois que as

canceiras da minha vida eram nullas. Hoje já, a idade avançada que tenho, pois que já contava mais de 60 annos quando appareceu o primeiro telephone em Portugal e que eu fallei n'elle, me permite comparar o estudo actual da sciencia da guerra com a de essas outras eras em que meu avô representava o papel de *mosqueteiro*.

Lembro-me perfeitamente de o vêr fazer exercicios e de contar 57 tempos para fazer fogo.

N'esse tempo julgava-se ser o maximo da perfeição que o homem poderia attingir na arte da guerra. Dando para cada tempo, na media, 30 "teremos que os 57 tempos levariam 28'30" isto é, tempo mais que sufficiente para o alvo, dando ás de Villa Diogo, se pôr fóra do alcance da arma tão mortifera! Comparemos esta morosidade com a rapidez com que hoje se dão 120 tiros, não nos esquecendo que n'aquelles tempos só podiamos fazer 2 tiros n'uma hora. Poderiam aventar a ideia de que esses movimentos feitos por rapazes novos e ageis seriam executados em menos tempo; mas a isso respondemos nós que os rapazes d'então não possuíam a agilidade dos d'hoje e por isso só confiavam o manejo d'essas armas a homens já feitos.

N'esses tempos havia-os de 30 annos que ainda não tinham dado um tiro!

Que differença para os tempos que vão correndo! Com a mania das educações militares começa-se hoje a executar o manejo de fogo aos 14 e 15 annos e o manejo das armas aos 10 e 11!

N'esses tempos todo o guerreiro devia possuir (diziam então) trez virtudes que eram: Ter Deus no coração, o inimigo no rosto e armas na mão.

Deviam ter Deus no coração todos os grandes senhores para que antes de declarar a guerra vissem bem se a causa que os levava a ella era justa e por isso diziam que o soldado devia invocar Deus a todas as horas e ter a vida muito mais regrada que o frade no seu claustro porque desde o momento em que estivesse na frente do inimigo estava desde logo em perigo de morte: O soldado não devia pois rogar pragas, dizer blasphemias, *ser guloso* ou *borrachão*. Não devia proferir palavras deshonestas e lubricas. Recomendavam os chefes aos seus subordinados que cada soldado devia ser *um espelho de modesta, honestidade e virtude*.

Deviam ter o inimigo no rosto para calcularem antes da declaração da guerra quaes as forças que se lhe iam oppôr no campo e quaes os meios de que o inimigo lançaria mão para proteger as suas forças no combate.

Durante o combate deviam ter o inimigo no rosto para vêrem com promptidão qual a tactica que empregava.

Deviam ter as armas na mão porque todos os grandes potentados deviam ministrar a instrução militar não só aos seus soldados; mas aos homens validos dos seus paizes. Isto constituia um principio que dava superioridade a qualquer exercito.

Israel tendo em conta este principio mandou em tempo de paz ensinar a seus filhos a disciplina militar. Seneca explica-o da seguinte forma:

E' preciso que o coração se disponha para as adversidades em plena prosperidade e que quando os bens o abandonam elle se fortifique contra a miseria.

Accusavam então os allemães de deixarem os seus soldados praticarem toda a sorte de abusos que mostravam bem *não terem Deus no coração*

Não temos duvida em affiançar que o soldado animado d'estes trez principios daria um modelo que se devia imitar.

Conhecemos hoje uns combatentes que teem o diabo no corpo o inimigo no rosto e as armas na bocca e são estes que levam a melhor nos combates que travam contra o outro sexo. Já advinha-

vam, de certo, que é o sexo chamado fragil, impropriamente, por que nos parece que este é o forte e o masculino o fragil. De que serve ser forte no corpo e fragil no espirito? E' facilmente subjogado pelo outro que é forte no espirito e fragil no corpo. Todos conhecem exemplares femininos que são fortes no corpo e no espirito e que sustentam a lucta com vantagem com qualquer homem.

Quando o homem tenta exercer uma pressão a esmagar (sentido vertical) a mulher reage procurando desviar o sentido da pressão transformando-a em sentido horizontal e assim vence o homem mais forte embora elle tenha Deus no coração. Se querem uma imagem, ahi vae.

Lancem um seixo (macho) no sentido vertical a uma superficie d'agua tranquilla (femea) e veremos que a pressão exercida na superficie do liquido faz nascer ondas circulares em volta do ponto ferido, como centro; muitas mais imagens poderíamos apresentar em que a reacção se manifesta no sentido horizontal quando a acção é vertical.

Isto não destroe o principio que todos nós estudamos e que se enuncia da seguinte forma:

a reacção é igual e contraria á acção.

A nossos olhos parece-nos que ella se exerce no sentido horizontal (como no caso do seixo) mas estudando bem o caso veremos que só nós é dado vêr a resultante das forças e não a decomposição d'elles.

Referimo-nos aqui á resultante que nos dá o parallelogramo das forças e não a outra qualquer sorte de resultantes, pois que as ha e de muitas especies.

Ex. 2 bofetadas, um pontapé, 4 bengaladas (Força, acção), inchação parcial, fracturas etc. (resultados da acção) duas cacetadas em pleno (reacção) algum dia á sombra (resultante). Um simples beijo (acção) uma bofetada (reacção) annuo (resultante).

Uma olhadella terna (acção) expansão do coração (reacção) um passeio até á igreja (resultante primaria) pois que a esta se seguem outras que demandam novos passeios á igreja. (secundarias, terciarias etc.). Sobe um ministerio ao poder que se intitula *não politico*, pratica um acto em que revela a politica, que dizia não ter, (acção) ataque directo do

GAZETILHA

O celebre padre Mattos redactor do *Portugal* (não confundir c'o Amaral que é o padre Mattos d'Ovar) arranhou ha cinco dias um bonito *trata e um*: —quiz transgredir o jejum que ao padre é dado guardar...

E transgrediu 'inda em parte (que tal era o seu desejo!) saboreando n'um beijo a pé! da fructa, somente. —O padre Mattos suppóz que um beijo, mesmo furtado, deixa o caminho aplanado para se andar para a frente...

Sahiu-lhe, porem, ao *gajo*, a Paschoa á segunda-feira, pois que a *Eva* traiçoera lhe disse:—«Olá? quer's comer a tal maçã prohibida? Pois que ella te deu no *gato* verás então, men maróto, o que te vae succeder.

E sem mais *tir-te* nem *guar-te* (ó Cupido, ó deus tyranno!) manda-lhe á cara um *banana* que lhe partiu as lunetas! O padre quasi desmaia e a linda *Eva*, nervosa e ao mesmo tempo orgulhosa, logo lhe passa as *palhetas*.

Padre Mattos, padre Mattos, deixaste que o tentador te abrisse o *tubo* do amor fechando-te o breviario! Não soubeste reagir!...

Mas agora, digam lá se o padre Mattos será, mesmo assim, reaccionario?!

partido opposicionista (reacção) queda ministerial (resultante).

A politica offerece um campo vastissimo para o exame de resultantes, algumas das quaes pelo inesperado chegam a abysmar.

Supponhamos por exemplo uma força *Zésite* representando o lado grande do parallelogramma das forças o lado pequeno (que segundo alguns dictionarios se pode chamar popular, no sentido figurado) uma *Julite*: ambas estas forças se colligam para blosqueiar um ponto e darão como resultante a diagonal a 45° no sentido de cima para baixo e que em linguagem vulgar se denomina *trambu-lhão*, pela falta de apoio, não seria assim se a resultante encontrasse o apoio, que tinham quando começou a acção. Este foi retirado e a resultante exercendo-se no espaço livre atira os productores das forças de *cangalhas*.

Para a vida pratica devemos ter em muita conta as resultantes de todos os vossos actos e por isso aconselha os leitores a não darem ponto sem nó.

João Silva.

NOTICIARIO

TEMPO

O tempo não correu, durante a semana finda á mercê dos desejos de todos, o que devia ter perturbado, sobremaneira, o somno d'aquelles para quem correu mal.

Mas, estes que se resignem, porque assim o ordena a doutrina de Christo, e quem quizer alcançar o céu, assim deve fazer.

Paciencia, pois,

PESCA

Sem resultado.

ENLACE

Consociou-se, no dia 24 do corrente, na igreja parochial da freguezia de Esmoriz, o Sr. José Pacheco Polonia, filho do nosso prezadissimo amigo, o Sr. João Pacheco Polonia, abastado proprietario d'esta villa, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Izabel de Carvalho Almeida, filha do, tambem nosso amigo, o Sr. Antonio Francisco d'Almeida, importante commerciante, d'aquella freguezia.

Ao acto, que revestiu uma imponencia, nunca alli usada, assistiram pessoas de familias e varios convidados, sendo servido, no final, um lauto jantar em casa dos paes da noiva.

Aos noivos, que partiram para o Porto, onde ficam residindo, desejamos um porvir muito prospero.

O fanatismo na Russia

Dizem de S. Petersburgo que as auctoridades mandaram fechar diferentes casas onde a seita dos Johannistas encerrava creanças de 2 a 11 annos de idade para as conservar em estado de graça. Essas creanças, para poderem atingir a perfeição espirital, eram sujeitas a privações de toda a ordem. N'uma d'essas casas amontavam-se 120 creanças. A porcaria era immensa. Muitos dos infelizes pequeninos estavam quasi cegos por causa da escuridão e da porcaria em que viviam, e outros tinham os joelhos lacerados e chagados por estarem ajoelhados durante longas horas. Todas as creanças apresentavam tambem ferimentos, contusões e cicatrizes, devidas aos cilícios com que eram flagelladas.

Os directores da estupida seita foram presos e contra elles se instaurou o competente processo. A opinião publica está indignadissima e reclama uma punição se-

vera para os fanaticos que sacrificaram tantas creanças, pois muitas d'ellas n'uma percentagem não inferior a 80 %, estão atacados de tuberculose.

Parece que não é esta a unica seita que existe na Russia, existindo outras em que se praticam actos tão abominaveis como os que deixamos referidos.

CASO SENSACIONAL

Corre como certo, que lavra uma epidemia, n'esta villa, para a qual a sciencia medica se declara impotente.

Consultada a Academia de Medicina de Paris, ella aconselhou o uso diario de fricções de oleo de marmelleiro ao longo da espinha, e, se a doença, ainda assim, continuar, aconselha, então, mudança d'ares para a sombra d'uma arvore fructifera.

Essa doença desloca o centro de gravidade, baixando-o de forma sensível, pois que a cabeça se torna tão leve como uma bola de sabão.

Se a doença vinga, é uma calamidade para esta villa.

Parece que se resolveu fazer preces para que se extinga o mal.

REGRESSO

De Verim, onde estiveram a uso d'aguas, chegaram a semana finda a esta villa, os Ex.^{mos} Snrs. Dr. Joaquim Soares Pinto, digno chefe do partido progressista d'este concelho e Manoel Maria Barboza Brandão, importante capitalista d'esta villa, e sua Ex.^{ma} esposa.

EXAMES

— Terminou o 5.º anno, com feliz resultado, no Lyceu d'Aveiro, o sr. Manoel Pacheco Polonia.

— Fizeram acto, na Universidade de Coimbra, ficando approvados os snrs. Anthero Araujo d'Oliveira Cardozo (sociologia geral e philosophia de direito) e Antonio Baptista Zagallo dos Santos (administração colonial).

Fez, tambem, acto na Academia Polytechnica do Porto, o sr. João Baptista Nunes da Silva (phisica geral.)

A todos, os nossos sinceros parabens.

NECROLOGIA

Falleceu ante-hontem, aos estragos d'uma pertinaz doença, de que ha tempos vinha soffrendo, o sr. José Luiz da Silva Cerveira, acreditado negociante, d'esta praça, e proprietario do Hotel e café Cerveira da praia do Furadouro.

Acompanhamos a sua familia na dôr profunda, que acaba de a ferir.

FESTA ESCOLAR

Realisa-se no proximo domingo, 1 de agosto, a festa escolar promovida por a Commissão de Beneficencia escolar d'esta freguezia, para a distribuição de premios e donativos.

Como de costume, de manhã haverá sessão solemne na qual se entregarão os diplomas aos alumnos que mais se distinguiram durante o anno por a sua applicação, e os donativos que são 25 fatos completos, áquelles dos seus subsidiados que maior assiduidade de frequencia tiverem e melhor aproveitamento.

Far se-ha tambem a entrega dos premios das colonias ovarenses em Manaus e Pará e os denominados Oliveira Pinho e Saranago todos em consideração aos altos serviços prestados á beneficencia escolar d'Ovar.

Na sessão que começará ás 11 horas serão recitadas algumas

poesias por creanças das escolas officiaes, e á noite haverá espectáculo de gala por a troupe infantil, com respectivo orpheon.

Ficam já prevenidas todas as pessoas que queiram assistir á sessão solemne que das 10 e meia ás 11 horas entrarão sómente as pessoas munidas de bilhetes para o espectáculo, sendo ás 11 horas franqueados ao publico os logares ainda não occupados.

As galerias são, de manhã, reservadas para as creanças das escolas.

Os bilhetes para o espectáculo encontram-se á venda na «Havana», casa de Joaquim Ferreira da Silva—Successores.

PREVISÃO DO TEMPO

De 1 a 5 d'agosto o céu limpo e sem nuvens faz com que os tou-tiços dos vareiros apanhem um d'estes calores, que não veem em cartilha.

De 5 a 10 só se verá o azul do ceu por alguns «furos», que apparecem aqui e além.

De 10 a 15, se a borrasca «vingar», o ceu torna-se pesado e será difficil a um caminhante alargar os seus passos, n'essas estradas, que d'aqui irradiam.

GRANDE PROTESTO

No dia dois d'agosto, amanhã, a Praça de Camões, em Lisboa, será pouca para conter os milhares de pessoas de todas as côres politicas, que ahi se devem juntar para irem ao Parlamento protestar vehementemente contra as congregações religiosas em Portugal, e para o governo tomar as providencias necessarias para que o fanatismo não torne inuteis individuos, cuja intelligencia se atrophia pelas praticas religiosas excessivas, ordenadas por aquelles cujo dever é applicar o balsamo na religião, e que o trocam por um corrossivo caustico.

UMA ORCHESTRA DE MEDICOS

Um jornal de Bruxellas publica a seguinte noticia, que lhe foi communicada de Vienna:

«Muitos medicos d'esta cidade consagram á musica as suas horas de descanso. Esses amigos da arte musical reuniram-se ha pouco para organisarem uma grande orchestra symphonica, onde estarão representados todos os graus da sciencia de Esculapio, desde o professor de Faculdade até ao interno ou ao pratico.

«Nota-se que existe uma certa relação entre os especialistas medicos e alguns instrumentos de musica. Os especialistas das vias urinarias tocam oboé, os adeptos da metallotherapia teem uma preferencia pelo trombone, os cirurgiões pelo contrabasso emfim, os medicos das doencas nervosas tocam geralmente violino.

«Esta grande orchestra medica deve apresentar-se no proximo congresso de neurologia.»

NOVO DELEGADO

Foi nomeado delegado para a Comarca de Vagos, tendo já tomado posse o nosso amigo Sr. Dr. Arthur Valente, de Avanca.

Damos-lhe parabens. A proposito d'este despacho o nosso collega local «Discussão» —annuncia, pela miléssima vez, o inicio da ruina do progressismo no districto d'Aveiro.

Já quando foi das eleições municipaes, em que o partido regenerador no districto d'Aveiro, conseguiu apenas fazer vingar uma camara da sua politica, a *Discussão* veio para a rua esfregar as mãos de contente apregoando que o grande resultado obtido, era o inicio da proxima queda do Sr. Conde d'Águeda. Hoje, aproveita a nomeação do Sr. Dr.

Arthur Valente para delegado de Vagos, affirmando que esse despacho é o unico da derrocada do progressismo districtal.

Qualquer protesto serve ao nosso collega para fazer affirmação que fazem rir os mais sisudos. Ora deixe-se d'essas coisas o interessante collega. Porque—de-sengane-se a *Discussão*—não é o vencimento d'uma eleição camararia nem o despacho de um delegado, que farão abalar o forte predomínio da politica progressista n'este districto.

A insistencia do collega em propalar inicios de derrocadas politicas, faz-nos lembrar o inicio d'uma coisa que... agora não que-remos dizer.

RASPÃO

—Dá licença, sr. Regedor?
—Queira entrar.
—V. s.^a passou bem?
—Bem, obrigado.
—Ora estimo.
—Que novidades traz?
—Eu queria que v. s.^a me acceitasse aqui uma queixa, porque esta noite foram-me ao quintal e levaram-me de lá umas coisas de muita estimação.
—Mau é isso.
—Pois é verdade. Anda por ahi uma gatunagem desaforada e não ha remedio senão applicar a justiça. E porisso eu queria que v. s.^a fizesse o auto do *copo de litro*.

—Vamos a isso. Como se chama?

—Maria Marafona, sua creada.

—Casada ou viuva?

—Solteirinha como os amores.

—Em que se occupa?

—Talho e benzo, deito cartas e adivinho o passado, o presente e o futuro.

—Então é bruxa?

—Não, senhor, sou mulher de virtude.

—Muito bem. De que consta o roubo.

—Olhe, sr. Regedor, aquelles marotos levaram-me um pé de arruda, um alho bento, um enxota-diabos e umas calças do meu homem.

—Do seu homem?!

—Sim, senhor, umas calças novas do meu Gregorio.

—Pois não é solteira?

—E' verdade, mas tenho a honra de viver como casada.

—Entendo, entendo... E porque não me preveniu alguns dias antes, para eu impedir que os ladrões lá fossem?

—Pois canté! Não que elles não avisam...

—Podia você ter adivinhado... Mas, visto que não adivinhou, vamos adeante. Quem fôram os ladrões?

—Pois quem sabe lá, sr Regedor?

—Não tem testemunhas?

—Não senhor.

—Então nada feito. Arranje a saber quem são os criminosos e depois appareça.

—E como hei-de eu descobri-los?

—Muito facilmente: deite as cartas... Pois para que quer a sua virtude?

—Ora muito obrigada, sr. Regedor. Para isso escusava eu de cá vir.

—Nem lhe devia ser preciso. Ora o fagote... Noemio

AVISO

Direitos de mercê e contribuição de registo

São prevenidos todos os individuos que teem direitos de Mercê e Contribuição de registo em debito á Fazenda Nacional por este concelho, de que, em obediencia aos regulamentos em vigor e a ordens rigorosas transmittidas a esta repartição, se vae proceder ao relaxe geral dos mesmos, sendo todavia facultado áquelles que quizerem o direito de pagarem as suas dividas até 5 do proximo mez de Agosto, o que se faz publico para conhecimento dos interessados.

Recebedoria do Concelho d'Ovar em 23 de Julho de 190 .

O Recebedor,
Antonio Valente Compadre

VENDA DE PREDIOS

EM

OVAR

Vendem-se duas moradas de casas, sitas na rua da Pôça e Viella do Mattos.

Um palheiro na costa do Furadouro junto da Fabrica de Conservas e quatro Pinhaes sitos nas Mattas do Brejo e Enxemil.

Tratar com

FRANCISCO LOPES

CADAVAL

(ou Manoel Gomes Laranjeira)

R. DA GRAÇA

BARBEARIA TAVARES

Largo da Praça—OVAR

Encontra-se á venda, n'esta casa, finissimo pó d'arroz, pós e pastas para dentes, elixires e aguas dentrificas, o preciso «Reparador dos cabellos», excelente para combater a caspa, e magnificas perfumarias e sabonetes.

Cazas

Vende-se um bom predio de cazas com armazem por baixo, vinha e arvoredos de fructa, e dois caminhos de pé e carro.

Quem pretender dirija-se a José Leite Brandão, da rua dos Maravalhas.

LIÇÕES

Lecciona-se francez e nabilita-se para exame de instrucção primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Accitam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

CASA

Vende-se uma, na rua das Ribas, d'esta villa, com quintal e poço, que foi do fallecido mestre d'obras Manoel Joaquim da Silva Valente.

Para tratar, com

Guilherme d'Oliveira Corrêa

Rua das Ribas
OVAR

Mercearia, Tintas, Ferragens e Miudezas

ARMAZEM DE

CEREAES E LEGUMES

DE

ABILIO JOSE' DA SILVA

CIMO DE VILLA

OVAR

N'este estabelecimento, o mais importante que se acha ao nascente da linha ferrea, em Ovar, encontrará o publico o mais completo sortido que possa haver em casas n'este genero, por preços os mais rasoaveis do Mercado.

ADOBES

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construcções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Lourelro

OVAR.

ADEGA DO LUZIO

Do entrudo a esta data
Que de folga tenho 'stado,
N'uma vida tão pacata,
Tão santinha, tão beata,
Que me sinto... *abeatado*...

Todavia, em *tempo santo*,
Não extranhe, pois, *vocencia*,
Que, mettido n'este *canto*,
Tenha só tratado tanto,
De limpar a *consciencial*...

E s'alguem quizer *limpal-a*,
Ficar limpo, bem *limpinho*,
Tão *limpinho*, que *regala*,
Deixem lá fallar quem *falla*,
— Do **Luzio** gastem *vinho*...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,
onde encontrarão além de todos os generos de
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES, 171 — NÃO CONFUNDIR COM IMITAÇÕES

A UNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATO

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

PORTO.



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho
mais conveniente e elegante contra o
Frio, Vento e Chuva
e o mais commodo para viagem. E se quereis
o verdadeiro só o encontrareis na
ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE
RILEY

E outras marcas; todas as pe-
ças precisas para as mesmas. Con-
certam-se bycicletes

Preços sem competencia



Machinas de Cos-
tura das bem conhe-
cidas e acreditadas
marca "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «OPEL» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher
todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torn-
estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os traba-
rhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes ter-
las estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca «OPEL». Dão-se todas as instruções e ensina-se
o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanais.
Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas,
etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 — OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madelra

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na
praça da hortaliça, d'esta villa,
calçado em todas as côres, para
homem, senhora e creança; encar-
regando-se tambem de executar
com esmerada perfeição e modici-
dade de preços, toda a encomen-
da de qualquer obra concernente
á sua profissão.

— Sendo preciso, em qualquer
dia da semana, fazer-se encom-
endas, o proprietario virá tam-
bem a esta villa, a caza dos fre-
guezes, que para isso o avizem
pelo correio ou pessoalmente

LA VILLE DE PARIS
A. DELPORT, SUCCESSORS EN 1878

MARCA REGISTRADA
PORTO

Rua Sá da Bandeira, 249

Fabrica de corôas
e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro
em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.
Grande sortido
de plantas para
adorno. Flôr de laran-
jeira, e todos os apres-
tos para flores.

Telegrammas:
VILLE - PORTO

DEPOSITOS NA PROVINCIA
COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.
FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.
SANTAREM — Fonseca & Souza.
BRAGA — Pinheiro & C.ª